

# **O RESENTIMENTO INSULAR EM *LA ESTRELLA FUGAZ* DE CARLOS VICTORIA**

Marina Haizenreder Ertzogue\*

**Resumo:** O texto procura analisar o sentimento insular no conto “La estrella fugaz” de Carlos Victoria. Escritor cubano exilado em Miami, em 1980, que emigrou para os Estados Unidos no êxodo de Mariel. O conto narra o exílio de três escritores, dissidentes da Revolução cubana (1959), Reinaldo Arenas, Guillermo Rosales e Carlos Victoria, em um Miami marcado por recordações e tragédias. Também destaco a trajetória de vida de Carlos Victoria, um intelectual dissidente na Cuba pós-revolucionária que produz literatura como forma de resistência e catarse.

**Palavras-chave:** Narrativa cubana; exílio; recordações.

**Abstract:** This paper intends to analyze the insular feeling in the story “La estrella fleeting” Carlos Victoria. Cuban writer in exile in Miami in 1980, who emigrated to the United States in the Mariel boatlift. The tale recounts the exile of three writers, dissidents of the Cuban Revolution (1959), Reinaldo Arenas, Guillermo Rosales and Carlos Victoria in Miami marked by memories and tragedies. Also I point out the life trajectory of Carlos Victoria, a dissident intellectual in post-revolutionary Cuba that produces literature as a form of resistance and catharsis.

**Keywords:** Cuban narrative; exile; memories.

---

\* Universidade Federal do Tocantins.

A literatura da diáspora situa-se nos anos 70, quando jovens escritores dissidentes da Revolução cubana (1959) rompem com os mecanismos de socialização da ordem revolucionária (ROJO, 2006, p 421). Entre eles: Reinaldo Arenas, Guillermo Rosales e Carlos Victoria.<sup>1</sup> Em 1980, eles emigram para os Estados Unidos pelo êxodo de Mariel, episódio que culminou com a emigração de 125.000 cubanos. O episódio ocorreu após a embaixada peruana conceder asilo diplomático a um grupo de descendentes que ocupou suas dependências em Havana. O governo, em represália, retirou a custódia diplomática e, em seguida, 10.000 cubanos invadem a embaixada com o propósito de obter asilo. Após a invasão e os protestos de milhares de dissidentes cubanos, Fidel Castro determina a abertura temporária do porto de Mariel para emigração.<sup>2</sup> O destino dos refugiados era os Estados Unidos e a entrada pela Flórida. O presidente americano, Jimmy Carter declarou que os cubanos seriam recebidos nos EUA de “corações e braços abertos”. Em Miami, Reinaldo Arenas, Guillermo Rosales e Carlos Victoria reencontram-se no exílio para fundar a revista de literatura e artes *Mariel* (1983-1985) que aglutina escritores dissidentes cubanos nos Estados

---

<sup>1</sup> Reinaldo Arenas (Holguín, 1943 – Nueva York, 1990). Romances: *Celestino antes del alba* (1967); *El mundo alucinante* (1969); *El palacio de las blanquísimas mofetas* (1980); *La vieja Rosa* (1982); *Arturo, la estrella másbrillante* (1984); *Laloma del Angel* (1987); *El asalto* (1988); *El portero* (1989); *Viaje a La Habana* (1990); *El color del verano* (1991) e *Antes que anochezca* (1992). Guillermo Rosales (Havana, 1946 - Miami, (1993) Ramances: *Boarding Home* e *El juego de viola* (1994). Carlos Victoria (Camagüey, 1950 – Miami, 2007). Contos: *Las sombras en la playa* (1992); *El resbaloso y otros cuentos* (1997); *El salón del ciego* (2004) e *Cuentos* (2004). Romances: *Puente en la oscuridad* (1994); *La travesía secreta* (1994); *La ruta del mago* (1997).

<sup>2</sup> Para emigrar o governo cubano estabelecia condições, entre elas: ser requisitado por parentes cubano-americanos que viviam nos Estados Unidos ou ser declarado como “escória” da sociedade cubana. A emigração pelo porto de Mariel à Cayo Hueso (Flórida) ocorreu de abril a setembro de 1980.

Unidos. O reencontro é tema do conto *La estrella fugaz* (1997).<sup>3</sup> Três amigos: Ricardo, William e Marcos se reúnem num entorno marginal de Miami para leitura de seus manuscritos. Nessa narrativa a trajetória dos personagens é marcada pelo ressentimento insular.

### **A travessia secreta**

A dissidência dos jovens intelectuais cubanos começou por atritos na construção do “homem novo”<sup>4</sup> e pela influência dos movimentos de contracultura na Europa e EUA. O comportamento da mocidade era visto como ameaça à ordem revolucionária. O governo exigia um comportamento rígido de sua juventude. “Ter os cabelos compridos, ser roqueiro, ou ser homossexual era inadequado para um revolucionário.” (MARQUES, 2008, p 497). Nas universidades era obrigatório o curso de marxismo-leninismo que expressava os deveres da juventude com a Revolução.

Carlos Victoria tinha um comportamento considerado inadequado para um revolucionário. Em 1968, magro e cabeludo, ingressou no curso de língua e literatura inglesa na Universidade de Havana. Victoria era um jovem tímido que lia contos de Antonio Benítez Rojo e escutava Led Zeppelin e Janis Joplin. Atraído pelos movimentos de contracultura participou do acampamento *Vedun* que lembrava as comunidades hippies nos Estados Unidos. “Pareceu-me um hippie autêntico um menino meio encurvado, com cabelos longos e lisos, semelhante a esses que vinham estampados na capa da revista *Life* que cobriu o festival de Woodstock” (RIOS, 2009, 01).

---

<sup>3</sup> Publicado originalmente na obra: *El resbaloso y otros cuentos* (1997).

<sup>4</sup> O “homem novo” de Che Guevara está fundamentado em três ideias, que são basicamente: o sistema de incentivos, o trabalho voluntário e a emulação socialista. MARTUSCELLI, Danilo Enrico. “Che Guevara e o debate econômico em Cuba.” *Critica Marxista*. Campinas: Unicamp, 2005, p. 194.

Em *La travesía secreta* (1994), novela escrita no exílio, Carlos Victoria conta as peripécias de bandos de jovens cubanos ligados aos movimentos de contracultura, reunidos nas imediações da sorveteria Coppelia.

Marcelo el Avestruz era el jefe de “Los pastilleros”, famosos por su consumo de anfetaminas; Tadeo, más conocido por Abracadabra, era el integrante más destacado de “Los duendes”, de los que se rumoraba que mantenían actividades subversivas, como romper teléfonos en el barrio de Marianao; un tal Arturo, al que apodaban Lord Byron, que además de ser cojo se parecía al poeta, presidía «Los morbosos». Éstos últimos eran la vanguardia pensante de aquel remolino juvenil: sus miembros hablaban de cine y poesía, leían a Marcuse y Ortega y Gasset, citaban a Kafka y a Baudelaire. (...) Todo este exhibicionismo sin sentido, era una resistencia pasiva... Pero adónde conduciría esta efervescencia, era algo que nadie podía prever. (VICTORIA, 1994, p. 293-295)

O “Quinquênio Gris” (1971-1976) e o 1º Congresso de Educação (1971) marcam o recrudescimento do governo cubano em relação à política cultural e a consolidação do modelo soviético de repressão à intelectualidade cubana dissidente. Carlos Victoria foi expulso da universidade sob a acusação de “divergência ideológica”, em 1971. De universitário passou a obreiro florestal na Empresa Florestal Camagüey onde permaneceu por nove anos até a saída para o exílio. Durante todos esses anos escreveu milhares de páginas: contos, poemas, peças de teatro e novelas, sem a mínima possibilidade de ser reconhecido como escritor em Cuba.<sup>5</sup>

Em 1978, foi detido pelo Departamento de Seguridad do Estado e todos seus manuscritos inéditos foram confiscados:

---

<sup>5</sup> Carlos Victoria tinha 15 anos quando ganhou seu primeiro prêmio pelo conto *Tribulaciones* publicado no primeiro número do periódico *El Caimán Barbudo*. Esse foi o único texto do escritor publicado em Cuba.

“hasta pedazos de cartón y cartuchos, que tuviera palabras escritas por mí. No me dejaron nada. La tarea de una vida se esfumó en un instante.” (VICTORIA, 2010, p. 22). No mesmo ano foi preso em Vila Marista acusado por posse de literatura contrarrevolucionária. Suas recordações dessa época são marcadas pelo ressentimento:

Yo vivía, y lo recuerdo ahora, como si la vida no valiera nada. Me habían dicho durante tanto tiempo que yo no valía nada, que al negar aquello que llamaban la patria o el socialismo o la revolución (o cualquiera de esos tantos nombres) yo negaba mi propia condición humana, mi dignidad, mi talento creador, que a la larga comencé a creer que nada valía nada, ni esos nombres ni esa isla ni yo. Tomaba y escribía. Escribía y tomaba. Sólo los allegados, algunos familiares, cierta gente querida, me demostraban que yo no era un fantasma, a veces con amor y otras veces con odio, porque un hombre en perpetuo estado de letargo puede volverse odioso. (VICTORIA, 1998, p. 133).

Quando chegou ao exílio era um escritor inédito e sem uma única cópia dos textos escritos em Cuba. Em Miami esperou doze anos para ver impresso seu primeiro livro *Las sombras en la playa* (1992). Para sobreviver trabalhava como condutor de *motocarga* em um armazém. Somente em 1989 ingressou na carreira jornalística. Foi redator do *El Nuevo Herald*, de Miami, jornal editado em língua espanhola, voltado para a comunidade cubana nos Estados Unidos.

Quando completou 20 anos de exílio, Victoria escreveu sobre as frustrações dos escritores da geração Mariel. Em Cuba “nos caracterizamos por vivir en la isla en un estado de insatisfacción permanente.” Com exceção de Reinaldo Arenas que havia publicado duas novelas com êxito internacional, “todos creamos nuestra obra en la sombra, amparados en la obstinación, sin lograr el menor reconocimiento, a no ser el dudoso reconocimiento de la persecución.” (VICOTRIA, 1999-2000, p. 70).

## A literatura como catarse

A primeira novela “*La travesía secreta*”, de Carlos Victoria, se passa no final dos anos 60 em Cuba. O autor relata as experiências de uma geração de artistas e intelectuais inspirados pelos movimentos de contracultura que foi interrompida pela ação repressiva do Estado socialista. O enredo é protagonizado por Marcos, alter ego do escritor, um jovem poeta e o seu círculo de amigos, atores de um grupo teatral em Camagüey. Dois personagens são referências para Marcos na trama, Elia, sagaz e culto, e Eulogio, hedonista e intelectual brilhante.

A novela explora as inseguranças do protagonista, os conflitos pessoais em relação à sexualidade, religião, política e estética. Marcos, um jovem provinciano de Camagüey abandona os amigos e vai para Havana completar os estudos, sem lograr êxito, regressando à cidade natal. Nessa travessia geográfica, a mesma do escritor, o personagem reaparece no conto como “una angustia en transcurso, una tentativa no concluida, una conmovedora suspensión en la sombra. Quizás no cabía otra cosa, dada la realidad cubana de esos años.” (RAMOS, 2009, p. 01)

Com uma narrativa profundamente autobiográfica, “Carlos Victoria es el primer personaje de Carlos Victoria,” definição de Luis Manuel García Méndez, no prólogo da coletânea de contos do autor.

Puede que la persistente vocación literaria de Carlos Victoria, los accidentes y obstáculos que ha salvado para construir su narrativa —desde las acusaciones de “diversionismo ideológico”, la prisión y el secuestro de manuscritos, en Cuba, hasta la falta de apoyos institucionales, en el exilio, que lo ha condenado a trabajos alimenticios y a la lenta edificación de su obra (sin descontar el efecto bienhechor de este *tempo* de factura) —, todo parece propio de sus personajes. (MÉNDEZ, 2004, p. 36).

O elemento unificador da narrativa do escritor é a solidão existencial e a busca de um sentido para a vida. Três temas são recorrentes: a intolerância, a inadaptação e o exílio. Desde o primeiro romance, *Puente en la oscuridad* (1994): “Pensaba en mí mismo, en mi propia historia, en la historia de muchos exiliados, y en general en la historia de la gente solitaria y confundida que busca un refugio, un asidero.”<sup>6</sup> (VICTORIA, 2007, p. 29). Sobre a contemporaneidade da narrativa, Luis Manuel García Méndez afirma: “No son cotos privados de nuestra insularidad transida de política. Temas de siempre, de hoy mismo.” (MÉNDEZ, 2010, p 35).

Em “Génesis”, escreve: “En el camino de explicarme a mí mismo, pues me doy cuenta de que este texto tiene ese objetivo.” (VICTORIA, 2010, p 15). Nesse texto, o narrador faz um balanço das relações familiares, tema recorrente em contos e novelas de Carlos Victoria. Sobre a esquizofrenia de Estrella Victoria, reconhece que os cuidados com a mãe e a convivência influenciaram na sua criatividade e na compreensão da condição humana: “El que comprende a un loco comprende a todo el mundo”. Sobre a falta da figura paterna: “La ausencia de mi padre en mi infancia y mi juventud, aunque me hizo daño, me evitó el lastre del autoritarismo, que hubiera sido un mal mucho mayor.”<sup>7</sup> (VICTORIA, 2010, p. 16).

A conturbada relação familiar foi tema de outro conto: *El salón del ciego*. Em um bar clandestino na periferia de Camagüey, um encontro casual entre pai e filho, que ignoravam seu parentesco, acontece numa tarde de abril de 1980. A trama se desenrola no auge do êxodo de Mariel e relata os protestos populares, em repúdio pelo exílio de mais de cem mil cubanos. Na multidão, a mãe busca pelo filho e traz uma carta da irmã, residente em Miami, que reclama por eles pelo porto de Mariel.

---

<sup>6</sup> “Carlos Victoria: la mentira veraz.” Entrevista concedida à *Germán Guerra* e publicada em homenagem póstuma na revista *Encuentro* de la cultura cubana, nº 44. primavera de 2007, p.26-33.

<sup>7</sup> Carlos Victoria obteve permissão para ir a Cuba em 1994 quando tinha 44 anos de idade para conhecer o pai.

Nessa passagem há traços autobiográficos da vida do escritor e do êxodo. Para emigrar era preciso que um familiar residente nos Estados Unidos reclamasse junto ao governo sua saída, além disso, era necessário que constasse seu nome nas listas das embarcações norte-americanas fretadas por parentes. No caso, Carlos Victoria foi reclamado pela tia que residia em Miami. No final de maio de 1980, acompanhado da mãe, deixou a ilha pelo porto de Mariel com destino a Cayo Hueso, Florida. Carlos Victoria recordava-se dos atos de repúdio, vinte anos depois, durante a partida.

Ver a Cuba metida en esa fiebre, donde se desataron los instintos más bajos: el vejar y golpear a un compatriota porque decide abandonar su tierra. (...) Hoy recuerdo solamente detalles de aquellos locos días. Hay cosas que uno olvida, también por instinto. Recuerdo como en una neblina los actos de repudio, con sus golpizas (mi madre recibió uno en la mejilla) sus huevos y sus piedras lanzados con furor. (VICTORIA, 1999-2000, p 133).

Sobre a ficção, o autor revela ao jornal *Nuevo Herald* que em *El salón del ciego*, embora apresentasse fatos ocorridos no êxodo de Mariel, a trama principal era fictícia. No entanto, “podría haber ocurrido, ya que a mi padre le gustaba mucho beber y a mí también en aquella época”. (CONNOR, 2004, p. 03).

Não era apenas Cuba que preenchia as páginas dos contos que escrevia, mas também Miami, a cidade do exílio. Sua narrativa era centrada nessas duas geografias porque era centrada na própria vida. “Nunca he podido escribir sobre algo que no me afecte directamente o indirectamente, algo que no está relacionado con mis obsesiones vitales”.<sup>8</sup> (VICTORIA, 1997, p. 03).

Através dessas narrativas podemos situar Carlos Victoria entre os escritores do exílio pela condição de desterro e

---

<sup>8</sup> Cf. CARDONA, Eliseu. Sobre el oficio de escribir. *Nuevo Herald*. Miami, 16 de noviembre de 1997.

inadaptação de personagens, desterrados como ele. Segundo Liliane Hasson, (2000),<sup>9</sup> profunda conhecedora da obra do autor, é por essa razão que há o inconformismo, seja em Cuba ou em Miami. Certos personagens são impotentes para adaptarem-se à sociedade, enquanto uns lutam para se meterem de pé, outros se refugiam em bebidas, drogas, sexo e até no suicídio.

A relação do escritor com Cuba desgastou-se ao longo de três décadas de exílio, porém, reconhece que a ilha foi crucial na construção de sua personalidade e narrativa. Lá viveu por 30 anos, “y aunque en etapas, por cansancio o despecho, he sentido que ya no soy cubano, lo cierto es que jamás podría ser otra cosa, a pesar de que desde hace 20 años soy ciudadano norteamericano.” (VICTORIA, 2012, p 17-18).

Um pessimismo incondicional encerra outro conto, *La franja azul*: “Yo soy um escritor, es decir, um hombre desesperado”. (VICTORIA, 2010, p. 188). A frase é reveladora do alter ego do escritor. Falar de si através dos personagens, em Carlos Victoria, sugere a ideia da catarse, na acepção da *Poética* aristotélica, qual seja: a purificação da alma por meio de uma descarga emocional provocada pelos dramas. É na literatura que Carlos Victoria permite-se liberar os sentidos e as emoções.

### **A ilha em *La estrella fugaz***

“Las islas solo pueden existir si hemos amado en ellas”. O fragmento do poema *Islas* do escritor caribenho Derek Walcott é nosso ponto de partida para investigar a sensibilidade insular no conto *La estrella Fugaz*. Recordamos que ao longo de sua história, em momentos de crise, intelectuais cubanos erigiram um conceito de insularismo ou sentimento de pertencimento a ilha.

---

<sup>9</sup> Tradutora, escritora e ensaísta. Traduziu para o francês as obras de Reinaldo Arenas, Virgilio Piñera, Antonio José Ponte, Guillermo Rosales e Carlos Victoria.

Em *Colóquios com Juan Ramón Jiménez* (1937),<sup>10</sup> Lezama Lima lança o mito do insularismo. Esclarece que a constituição de uma sensibilidade insular para Cuba supõe uma maneira de apresentar-se ao mundo. “Me gustaría que el problema de la sensibilidad insular se mantuviera sólo con la mínima fuerza secreta para decidir un mito, que la introducción al estudio de las islas sirviera para integrar el mito que nos falta.” (1937). O insularismo, como mito, no aparato metafórico de Lezama Lima tem por fim captar a essência da cubanidade.

A tentativa de definir uma expressão cubana, uma paisagem própria, tem ligação com a reação ao que Lezama considerou como “pessimismo” de época. A condição insular, durante muito tempo entendia a poesia cubana como paradisíaca. “Insularismo há de entender-se não tanto pelo sentido geográfico, que com certeza nos interessa, mas especialmente no que diz respeito ao problema na história da cultura e até mesmo das sensibilidades.” (LEZAMA LIMA, 1981, p. 157).

Em *La isla en peso* (1943), Virgilio Piñera, desviando-se do grupo “Orígenes”<sup>11</sup> (Lezama Lima, Eliseu Diego, Cintio Vitier), traz uma imagem da ilha inversa do mito da insularidade. “La maldita circunstancia del agua por todas partes”. Em *La isla en peso* Elementos tradicionais, emblemáticos da cubanidade adquirem um caráter de peso que alucina e desgarra as criaturas da ilha. (CALDERÓN, 2009, p. 180).

Na mesma perspectiva, Renée Clémentine Lucien (2010) considera o lamento de Virgilio Piñeda como expressão de um sentimento existencial que propiciou a ampliação física e metal do

---

<sup>10</sup> Diálogo imaginário entre José Lezama Lima e Juan Ramón Jiménez, em Havana, em 1938. Escrito à maneira dos diálogos platônicos, os poetas abordam a poesia moderna, os mitos e as ilhas.

<sup>11</sup> Ao resumir sua experiência na revista *Orígenes* (1956) Lezama Lima declara que na raiz do grupo de pintores, músicos e escritores que integravam a publicação, estava implícita a tendência à universalidade da cultura e uma paisagem própria.

espaço do arquipélago. (LUCIEN, 2010, p. 103). Em relação aos exilados de Mariel, percebe-se no ser insular, condicionado por seu lugar de origem, uma sensação de instabilidade e desconforto.

He llegado a pensar, porque padezco de la enfermedad de las explicaciones, sobre todo de la enfermedad de buscar explicaciones para mí mismo, que nuestra insatisfacción tiene que ver con el concepto de isla, con la muy peculiar realidad que entraña la palabra isla. Cuba es una isla y Miami también. Salimos de una isla para entrar en otra. Saltamos de isla en isla. (VICTORIA, 1999-2000, p. 73).

Desde meados dos anos 80, a tendência dos escritores cubano-americanos foi a abertura de um campo literário que rejeita a ideia de exílio na sua “infatuada política de la nostalgia”; ao final dos anos 90, esse campo literário mostra-se nos Estados Unidos, diante da emergência de poéticas diaspórica, cuja representação da fronteira fosse mais móvel, desterritorializada, enfim, mais cosmopolita (ROJO, 2006, p 416).

Como nesse fragmento de *La estrella fugaz*, por exemplo:

En la orilla del río se amontonaban barcos arrimados como colinas de chatarra, de proas despintadas y mástiles ruinosos, en cuyas puntas flotaban banderas, telas gastadas que representaban vastos fragmentos de tierra, cuencas de continentes, penínsulas, islas. En embarcaciones semejantes los tres habían cruzado años atrás el Estrecho de la Florida, negando así (según se les dijo y se les repitió antes de la partida, entre golpes e injurias) un pedazo de tela que simbolizaba lo mismo que éstos que ahora ondeaban en el aire oscuro. (VICTORIA, 2010, p. 248).

Marcos, à beira do cais, recorda-se do êxodo de Mariel em *La estrella fugaz*, expressando em sentimentos de não pertencimento à ilha. O fragmento do conto nos sugere pensar no território da “comunidade que vem”, desprovida de figurações românticas do espírito da nação. (ROJA, 2006, 420).

O cenário de *La estrella fugaz*, lugar das lembranças do protagonista é o cais do porto em Miami.

Tres hombres se han sentado junto al río Miami y observan en silencio las barcazas, los muelles, los pontones, los puentes levadizos. Una lancha de motor atraviesa la turbia cinta de agua; en un extremo de la embarcación, un muchacho de piel intensamente blanca, de pie, hace unas señas a las nubes, al cielo; en el otro, un jovencito negro, inclinado sobre la borda, mete las manos dentro de la corriente, como si se lavara los dedos, o intentara una forma absurda de pescar. Anochece. (VICTORIA, 2010, p. 246).

E ali se deixavam ficar, exaustos, após acaloradas discussões e leituras dos manuscritos “Ni siquiera en una reunión entre amigos podían dejar a un lado el oficio que había hecho de sus vidas un arisco remedo de la realidad.” (VICTORIA, 2012, p 246). Os três personagens que se movem na história ligados pela literatura e pelo exílio: “William, el loco”, vítima de perpetua rouquidão, escrevia um romance sobre uma sinistra casa de hóspedes no coração de Miami; “el borracho y drogadicto, Marcos,” contos sobre sua juventude em Cuba; e “el prostituto, Ricardo”, a história de um porteiro alucinado em um edifício de Nova York (VICTORIA, 2010, p 243).<sup>12</sup>

Da rebeldia à dissidência em Cuba até a inadaptação ao exílio em Miami, a trajetória dos três personagens é sintetizada nessa passagem do conto. Tanto Carlos Victoria como Arenas escreveram sobre a sensação de ser *outsider na Flórida* e críticas ao *American way of life*.

Habían venido de un país que proclamaba ser una tierra de héroes, que imponía a punta de pistola virtudes en las que casi nadie creía, y mucho menos ellos, que por pura venganza se habían dedicado a pisotearlas con el ejemplo

---

<sup>12</sup> As três obras são respectivamente: *Boarding Home* de Guillermo Rosales (1987); *La travesía secreta* de Carlos Victoria (1994) e *El portero* de Reinaldo Arenas (1989).

de sus propias vidas, jugándose en el reto la supervivencia. En esta lucha contra la corriente, algo se había estropeado en cada uno. Sin embargo, hasta esta tarde de mediados de los años 80, los tres habían conseguido durar. (VICTORIA, 2010, p. 243-244).

No conto, o exercício da leitura coletiva era uma forma de resistência no exílio, ao mesmo tempo em que reviviam as tertúlias literárias nas agremiações em Cuba. Carlos Victoria pertencia à “Hermanos Saíz”, frequentada por iniciantes que se reuniam para leitura e debate de poemas e narrativas. A agremiação, supervisionada pela UNEAC, órgão oficial da intelectualidade cubana, tinha restrições à literatura de Carlos Victoria pelo teor pessimista e personagens em situações escabrosas, algo não desejável segundo cânones da literatura revolucionária.

Parte significativa de *La estrella fugaz* gira em torno dessas “tertúlias” e acalorados diálogos entre os três personagens à sombra de flamboaiãs, invariavelmente interrompidos por mendigos pedindo cigarros e dinheiro.

El capítulo de la novela que William leía describía un mundo parecido al del parque; Ricardo, con la cabeza recostada a una penca, escuchaba con los ojos cerrados; Marcos, atento a la lectura pero a la vez a los alrededores, sentía que las palabras de William materializaban el sórdido escenario, de modo que le resultaba difícil distinguir entre los personajes de la narración y los bergantes que deambulaban entre árboles y estatuas, pisoteando la hierba. (VICTORIA, 2010, p. 246).

Dois anos depois daquele encontro, Ricardo estava gravemente enfermo, ele padecia de uma doença fatal,<sup>13</sup> enquanto William tinha surtos mais frequentes. Ligava diariamente para

---

<sup>13</sup> Referindo-se a SIDA, descoberta por Reinaldo Arenas em 1987, a expressão não aparece no conto, todavia Carlos Victoria descreve a evolução da doença e visitas ao hospital.

Marcos e falava sobre um novo romance que dificilmente seria escrito. A medicação o impedia de escrever, por outro lado, se parava com os remédios para escrever, ele ouvia as vozes... Triste dilema.

Em *La estrella fugaz*, Ricardo e William cometem suicídio. Os dois personagens inspirados em Reinaldo Arenas e Guillermo Rosales tiveram seu mesmo fim trágico. Carlos Victoria narra, comovido, a situação de William, esquizofrênico, rejeitado pela família, vivendo num abrigo mantido pelo Estado norte-americano para indigentes.<sup>14</sup> Nos últimos dias de exílio até o suicídio (1993) residia em um pequeno apartamento em Miami. Do mesmo modo, Carlos Victoria também acompanhou Ricardo, que se suicidou em Nova York (1990). Soube da morte do escritor por telefone, enquanto revisava os manuscritos dos dois últimos romances.<sup>15</sup>

Marcos sentía-se culpado por ter sobrevivido, “y le daba vergüenza contestar las preguntas que le hacían lectores entusiastas sobre sus dos amigos.” (VICTORIA, 2012, p. 257). Tinha a ilusão, por não tê-los visto mortos, de algum dia encontrá-los na praia, na biblioteca ou na entrada de um hotel. Por algum motivo estes três lugares eram mais previsíveis, porém, pouco a pouco, convenceu-se que a escritura era tudo que podia esperar dos dois amigos.

No desfecho de *La estrella fugaz*, Marcos volta ao mesmo lugar onde se encontraram para lembrar aquela noite quando uma estrela “atravesó el cielo como una chispa sobre sus cabezas. Recordaba lo que él había pedido. Pero lo que pidieron los otros dos, o si sus deseos les fueron concedidos, eso él no iba a saberlo jamás.” (VICTORIA, 2010, p. 264). Dez anos depois da publicação

---

<sup>14</sup> Guillermo Rosales narra à vida no abrigo em *Boarding home (La casa de los naufragos)*.

<sup>15</sup> Na semana anterior ao seu suicídio, Reinaldo Arenas encarregou a Carlos Victoria da revisão das últimas duas novelas de sua *Pentagonia* (conjunto de cinco novelas que tratam da agonia dos seus personagens “El calor del verano” e “El asalto” e, posteriormente, a pedido de Guillermo Rosales, revisou os manuscritos de uma novela póstuma. *El juego de la viola*.

de *Estrella fugaz*, Carlos Victoria, negando-se a lutar contra o câncer, também se suicidou em 12 de outubro de 2007.

A insatisfação se filtra nos textos escritos em Miami. Se por um lado, as narrativas do exílio revelam que em Cuba os “marielitos” eram considerados subversivos aos olhos do regime castrista, por outro lado, escreveu Carlos Victoria: “vivimos en un país que nunca será nuestro, a pesar de que llevamos en los pasaportes el engañoso sello de ciudadanos norte-americanos.” (VICTORIA, 2000, p. 72). Os escritores da geração Mariel se caracterizaram por um estado de insatisfação permanente. Acreditavam que no exílio realizar-se-iam como escritores, porém, a trajetória foi difícil e, para alguns, o reconhecimento ocorreu após a morte. No caso referido está Guillermo Rosales. Sobre o sentimento insular diz Victoria

El vínculo más fuerte entre nosotros era, si se quiere, una especie de desnudez. Los que viven en islas tienen que volar o nadar para poder escapar de sus fronteras, de las leyes a veces invisibles, pero igualmente férreas, que imperan en sus límites. Y los seres humanos no nacemos con alas ni aletas. Lo mismo ocurre con la gente que nos mira de lejos: nos juzgan como habitantes de islas, marcados ineludiblemente por el cerco insular, y no como personas con un destino individual y único. El entuerto, el equívoco y la insatisfacción vienen de adentro, pero también de afuera. Vives en Cuba o vives en Miami: eso importa más que cualquier cosa a los ojos de los que viven en otros territorios. (VICTORIA, 2000, p. 73).

Sobre a circulação da sua narrativa e o mercado editorial, Carlos Victoria, em entrevista publicada na obra *Cuba per se*, afirmou que pelo fato de escrever por amor a literatura, sem possibilidade alguma de publicar durante a sua juventude, numa época que a ambição mais forte era sobretudo o desafio da criação, “me ha quitado esa maligna ansiedad que corroe a tantos escritores. En esencia, no tengo un público ideal. Mis relaciones con el mercado han sido muy limitadas. He publicado todos mis libros aquí en Miami, y dos novelas se han traducido al francés”. (RIVERA, 2009, p. 570).

Os narradores cubano-americanos da geração Mariel não contestam a ideia do exílio por sua relação com a nostalgia como preconizou Lezama Lima, na criação de um mito insular. Ao contrário, na mesma esteira dos personagens de Reinaldo Arenas e Guillermo Rosales, os personagens de Carlos Victoria transitam tanto em Cuba como em Miami e convivem com a inadaptação na sociedade onde vivem exilados, todavia, nas referências a Cuba, não demonstram sentimentos de apego à ilha ou exílio nostálgico.

## REFERÊNCIAS

CALDERÓN, D. Virgilio Piñera: una poética para los años 80. *República de las Letras*: Revista Literaria de la Asociación Colegial de Escritores, n. 114, p. 178-184, 2009.

CARDONA, E. Sobre el oficio de escribir. *Nuevo Herald*. Miami, 16 nov. 1997.

CONNOR, O. Las tres victorias de Carlos Victoria. *El Nuevo Herald*. Miami, 7 nov. 2004.

GIL, L. La apropiación de la lejanía. *Encuentro de la Cultura Cubana*, n. 15, Madrid, invierno de 1999-2000, p. 61-69.

GUERRA, G. Carlos Victoria: la mentira veraz. (entrevista) *Encuentro de la cultura cubana*, n. 44. Madrid, primavera de 2007, p.26-33.

HASSON, L. Carlos Victoria, un escritor cubano atípico. In: REINSTÄDLER, J.; ETTE, O. (Coord.). *Todas las islas la isla*: nuevas y novísimas tendencias en la literatura y cultura de Cuba. Madrid: Iberoamericana, 2000. p. 153-162.

LIMA, J. L. Coloquio con Juan Ramón Jiménez. In: VITIER, C. (Comp.) *Joan Ramón Jiménez em Cuba*. La Habana: Editorial Arte y Literatura, 1981.

LUCIEN, R. C. Ampliación del archipiélago cubano por los exiliados: de Cuba a la Florida. In: CIVIL, F. M.; OROVIO, C. N.; LEMPS, X. H. de (Coord.). *De la isla al archipiélago en el Mundo Hispano*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Casa de Velázquez, 2009. p. 101-110.

MARQUES, R. L. A Condição Mariel. *Revista Brasileira do Caribe*, v. VIII, n. 16, p. 473-506, 2008.

MARTUSCELLI, D. E. Che Guevara e o debate econômico em Cuba. *Crítica Marxista*, n. 20, Campinas, UNICAMP, p. 92-95, 2005.

MÊNDEZ, L. M. G. La verdad sospechosa de Carlos Victoria: exilios y transgresiones. *Cuentos Completos*. Valencia: Aduana Vieja, 2010. p. 33-50

RAMOS, R. G. Una novela de la simulación cubana. *Otro lunes. Revista hispanoamericana de cultura*. Ano 3, n. 10, octubre de 2009. <http://otrolunes.com/archivos/10/html/unos-escriben/unos-escriben-n10-a27-p01-2009.html>.

RIOS, A. Carlos y la danza del fuego. *Otro lunes. Revista hispanoamericana de cultura*. Ano 3, n. 10, octubre de 2009. <http://otrolunes.com/archivos/10/html/unos-escriben/unos-escriben-n10-a29-p01-2009.html>

RIVERA, A. C. *Cuba per se. Cartas de la diáspora.*, Miami: Ediciones Universal, 2009.

ROJAS, R. *Tumbas sin sosiego*. Barcelona: Anagrama, 2006.

VICTORIA, C. La Estrella fugaz. *Cuentos completos*. Valencia: Aduana Vieja, 2010. p.243-264.

VICTORIA, C. La franja azul. *Cuentos completos*. Valencia: Aduana Vieja, 2010. p. 170-188.

VICTORIA, C. *La travesía secreta*. Miami: Ediciones Universal, 1994.

VICTORIA, C. Fragmentos del Mariel. *Encuentro de la Cultura Cubana*, n. 8/9. Madrid, primavera/verano de 1998, p. 133-134.

VICTORIA, C. De Mariel a los balseros. *Encuentro de la Cultura Cubana*, n. 15, Madrid, invierno de 1999-2000, p 70-73.

Recebido para publicação em 31 de dezembro de 2012.

Aprovado em 5 de maio de 2013.